

**UM ANTROPÓLOGO PORTUGUÊS POR OUTROS OLHARES: UMA REFLEXÃO
SOBRE A DUPLICIDADE DO JORGE DIAS EM TERRITÓRIOS AFRICANOS**

Rayra Atsley Carvalho Lima
Universidade Federal da Bahia/Pós-Afro
rayraatsley@gmail.com

Resumo

A presente proposta de comunicação busca analisar as produções escritas do antropólogo Jorge Dias referente ao contexto da expansão neocolonialista empreendida durante o governo Salazar, portanto, discutir sobre como as representações compostas no decurso dos seus trabalhos serviram de repertório para a construção estereotipada do grupo étnico Maconde. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo discutir as influências e a produção intelectual de Jorge Dias a respeito da construção de uma representação do grupo étnico Maconde. As primeiras leituras realizadas sobre o Jorge Dias serviram de entremeios para uma reflexão sobre a relação desse antropólogo com a comunidade Maconde do território moçambicano. O interesse português de buscar uma identidade nacional para assumir seu objetivo de ser uma grande potência serviria de conduta para o incentivo de viagens e pesquisas sobre os povos africanos, como no caso do grupo étnico na qual iremos discutir nesse trabalho. A partir dos seus estudos de cunho antropológico, Jorge Dias, auxiliava a agência Ultramar portuguesa em estabelecer um parâmetro das situações coloniais, dedicando-se, inclusive, na escrita de relatórios sobre povos africanos.

Palavras-chave: Macondes. Antropólogo. Influências.

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge de estudos e indagações sobre o antropólogo português Jorge Dias (1907-1973), um professor reconhecido na Europa pelo seu profissionalismo e conhecimento sobre estudos etnológicos. Através da aproximação com algumas obras do Dias e discussões sobre sua vida e profissão, procurei, através desse artigo, trazer algumas reflexões sobre seu contato com os Macondes na região de Moçambique. Os nossos predecessores podem ser “de uma enorme importância para nós, sempre que criticamos os textos por eles produzidos e procuramos compreender os motivos que se encontram por detrás do seu trabalho, bem como as forças que determinaram as suas perspectivas.” (WEST, 2006, p.142). Nesse sentido, percebemos que as pessoas são políticas e que, muitas vezes, suas ações são reflexos de vivências, conhecimentos e relações.

As primeiras leituras realizadas sobre o Jorge Dias, serviram de entremeios para uma reflexão sobre a relação desse antropólogo com a comunidade Maconde. O interesse português de buscar uma identidade nacional para assumir seu objetivo de ser uma grande potência serviu-

se de conduta para o incentivo de viagens e pesquisas sobre os povos africanos, como no caso do grupo étnico da qual o trabalho tem como base.

As práticas e interesses de nossos precursores, nos tornam pessoas cientes, assim como, capazes de perceber determinadas atitudes que venham a ser tomadas por esses indivíduos. A partir disso, segundo Lorenzo Macagno, alguns trabalhos de campo que foram realizados dos Macondes, estiveram marcados pela experiência etnográfica europeia.

Antes de efetuar seu trabalho de campo entre os Macondes do norte de Moçambique a partir de 1957 (e de publicar uma monumental etnografia sobre esse grupo entre 1964 e 1970), Jorge Dias havia realizado vários trabalhos de campo em áreas rurais de Portugal. Este dado não serve, apenas, como um simples aspecto cronológico, para ordenar, em forma linear, a sua trajetória, mas antes como um ponto de inflexão central, para entender que a experiência africana de Dias se nutre de um antecedente fundamental, isto é, da experiência etnográfica na própria metrópole colonizadora. (MACAGNO, 2002, p.98)

O Jorge Dias foi um pesquisador que desempenhou vários trabalhos de campo em áreas que o mesmo considerava mais tradicional, sobretudo, em relação a cultura. Depois foi convidado a deslocar-se de Portugal para a África a fim de auxiliar a administração portuguesa, bem como compreender o contato desses povos com outras potências, como no caso da Inglaterra. A partir dessa oportunidade, esse estudioso procurou realizar os interesses da agência colonial. Para, além disso, promover seus objetivos, partindo para um minucioso trabalho sobre os Macondes e outras comunidades. Conforme, Harry West.

Jorge Dias não é uma figura incontroversas na história da antropologia portuguesa, particularmente do ponto de vista daqueles que se interessam pelo seu trabalho em África. Embora as publicações da sua equipa da investigação sobre os macondes continuem a ser consideradas como obras clássicas da antropologia portuguesa, não foram estes os únicos textos que a referida equipa produziu sobre este povo. Terminada cada uma das cinco viagens de pesquisa realizadas por Jorge Dias e pelos seus colegas aos territórios de além-mar, entre 1956 e 1960, era efectuado um relatório confidencial, destinado a ser submetido ao Ministério Português do Ultramar, uso instituto de investigação financiava as suas investigações. (WEST, 2006, p.144)

Como referido acima, por certo, algumas críticas foram realizadas em virtude da produção do Jorge Dias estar revertida de uma duplicidade. Em primeiro ponto, desempenhava um papel de prestigiar a cultura maconde, vista como tradicional, e em segundo, a realização de relatórios confidenciais submetidos ao Ministério Português do Ultramar. Envolto no ambiente autoritário do governo Salazar, Jorge Dias e outros agentes portugueses demarcaram mundos coloniais distintos entre esses dois espaços. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo discutir as influências e a produção intelectual do Jorge Dias a respeito da construção da representação do grupo Maconde. Assim, de acordo com Lorenzo Macagno,

Vamos tentar esboçar a forma, um tanto heterodoxa, pela qual Jorge Dias se apropria desses princípios. Ele foi, sem dúvida, um simpatizante do regime português. Porém, essa simples afirmação descritiva carece de sentido, se não explicitarmos a maneira pela qual tal simpatia se manifestou no seu próprio trabalho. (MACAGNO, 2002, p. 102)

Nesse sentido, fica mais explícito a apreciação pelo governo português, quando Jorge Dias, em 1951, visita o Brasil e durante uma “entrevista publicada no Diário de Pernambuco, elogia a colonização portuguesa e o próprio Gilberto Freyre” (MACAGNO, 2002, p.103). Para esse antropólogo, os portugueses estavam desempenhando missões que foram estabelecidas, através de um potencial que adquiriam por obter contato com comunidades de outras culturas, como no Brasil. Para o Jorge Dias:

o Português, onde chegou e se fixou, procedeu de acordo com a sua tradição. Os homens que o serviam faziam parte do agregado familiar. [...] O Português agia como um ser humano que lida com outros seres humanos, num plano de fraternal convívio, e não me canso de repetir este postulado fundamental [...] quando utilizávamos o trabalho de escravos, não deixávamos muitas vezes de incluir estes na nossa família patriarcal, multifuncional, como alguns autores brasileiros puseram em evidência. (DIAS, 1961, p. 155)

Dessa forma, percebemos que Dias procura romantizar e até mesmo explicar as ações utilizadas pelos portugueses em áreas africanas, isso também pode estar conectado ao contexto político em que estava inserido, pois, durante o Estado Novo de Salazar, sobretudo na segunda metade do governo, havia cada vez mais uma necessidade sobre a posição portuguesa mediante suas colônias. Isso estava relacionado, inclusive, pela possibilidade de uma fragmentação do seu poder através das políticas de independência que estavam repercutindo em regiões africanas. Dessa forma, estava nas mãos da administração portuguesa assegurar as colunas desse governo ditatorial e intensificar os interesses do Ultramar português.

Assim, foram implementadas produções de boletins a fim de apresentar estudos etnográficos, econômicos, culturais e linguísticos que, em sua maioria, acabariam por construir imagens negativas em torno das tradições e costumes dos grupos étnicos com o intuito de justificar a dominação europeia. É nesse ambiente de expansão do olhar europeu ao continente africano que os Macondes ganham espaço nas lentes e papéis ocidentais, sobretudo, a partir da construção de propagandas do governo português, intencionado, pois, em sustentar práticas de colonização e comercialização.

A partir disso, Portugal atuava em muitas colônias através da aplicabilidade das ciências antropológicas portuguesas. Nesse momento, as lutas das ciências por reconhecimento e por suas autenticidades serviram também para a divisão de duas ciências que seriam fundamentais

nas pesquisas do Jorge Dias: a antropologia que estuda o homem físico e a etnologia, o homem através da sua cultura e do seu contexto social.

O desenvolvimento e o fortalecimento histórico da antropologia originaram-se, inclusive, com o colonialismo. Desde os primeiros contatos dos portugueses com outros povos que a construção de discursos de superioridade e estratégias de dominação foram pensadas para auxiliar nas atividades coloniais. A expansão marítima, por exemplo, permaneceu sendo impulsionada tanto pelo tráfico negreiro como pelo lucro.

No início do século XX, a intensa mudança da transposição do tráfico negreiro para o “comércio lícito” serviu-se de impulso para Portugal ocupar, como também, administrar territórios ultramarinos. Para obter um controle de suas ações, o governo português passou a enviar questionários, no ano de 1936, permitindo a compreensão sobre o cotidiano nessas regiões colonizadas com o interesse de fortificar-se economicamente.

As publicações anuais de boletins passaram a ser realizadas constituindo o cotidiano das colônias como forma de controlar e entender como estava sendo as atividades vinculadas ao governo. Os boletins estavam intrinsecamente ligados ao contato com as populações consideradas de extrema relevância para a economia portuguesa. Muitas dessas colônias, como Angola e Moçambique, a realização de boletins chegaram a ser mais intensas, devido, à quantidade de informações, bem como, a importância dessas duas regiões no contexto político e econômico de Portugal. Agora:

o coração foi sempre a medida de todas as coisas, dizia Jorge Dias. Esta declaração veiculava uma crítica à expansão colonial entendida em termos de puro interesse econômico. A crítica de Dias a este materialismo e à “ética protestante” (especialmente a do colonialismo “anglo”) deve ser entendida, uma vez mais, a partir de seu elogio à sociedade comunitária, patriarcal e equilibrada do próprio Portugal rural. (MACAGNO, 2002, p.112)

Através do seu olhar, mantém-se uma informação propagada pelo Estado Novo, onde os portugueses são vistos como detentores de boas intenções para/com os outros povos. Para Dias, era possível encontrar nos povos isolados, tanto de Portugal como do continente africano, suas autenticidades. Podemos perceber que o antropólogo Jorge Dias apresenta uma profunda “nostalgia pela evanescência da diversidade cultural em seu próprio país. Nesse sentido, a diversidade e o “exotismo” da própria metrópole colonial são tão susceptíveis de serem protegidos da “corrupção” quanto os povos africanos” (Lorenzo, 2002, p.100). Dessa forma, a partir de interesses próprios, cabiam as políticas do salazarismo produzir um conjunto de

representações e imaginários etnográficos sobre essas comunidades africanas como indivíduos a serem “resguardados”.

No relatório da Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português (MEMEUP), em 1957, o professor Jorge Dias explicava que a investigação em Moçambique se deu pela importância de dois campos: a etnologia e a sociologia que “teve por objecto o estudo aprofundado do grupo étnico dos macondes para reunir os elementos necessários para a elaboração de uma monografia sobre este grupo.” (DIAS, 1957, p.1). Por ser uma investigação, também social e política, teria como propósito completar as investigações anteriores e manter o governo atento ao que acontecia em Moçambique.

As missões tiveram grande apoio do governo português como também moçambicano que mostravam anseio pelas informações fornecidas nos relatórios da Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português, estes:

[...] viam com bons olhos a continuação e intensificação da nossa actividade no norte da Província. De facto, hoje em dia, a colaboração de técnicos das ciências sociais torna-se indispensável em quaisquer trabalhos que envolvam reformas econômicas, visto que o econômico e o social estão intimamente relacionados. (DIAS, 1960, p.2)

Nos vinte e três anos de ação das missões antropológicas, em Moçambique, foram realizadas publicações de vários trabalhos e pesquisas sobre essa região e suas comunidades. É por meio dos veículos de propaganda que o governo de Salazar encontra a melhor forma de revelar todos os eventos realizados por agentes coloniais ou colaboradores. Por esse caminho, o Jorge Dias permaneceria sendo um dos grandes nomes desse período, sobretudo, por suas pesquisas sobre os Macondes. Dessa forma,

Em seu regresso dos Estados Unidos, Dias passa um tempo em Coimbra. Finalmente, em 1956, é nomeado professor da Escola de Administração Colonial em Lisboa, que será rebatizada, em 1961, como Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina. Imediatamente depois, realiza uma viagem pela Guiné portuguesa, Moçambique e Angola e, em 1957, o Ministério de Ultramar o encarrega de empreender as missões para o estudo das minorias étnicas dos territórios portugueses de Ultramar. É neste contexto que empreende seu famoso trabalho de campo entre os Macondes do norte de Moçambique. (MACAGNO, 2002, p. 105)

Com os estudos do convívio das populações de regiões diferentes, os portugueses observaram a relevância da ciência antropológica para as administrações coloniais que das sociedades tornaram-se gestoras. Assim, a antropologia aplicada correspondia na manutenção dos interesses da política colonial precavendo sobre as ações e resultados das práticas realizadas nesses territórios. Logo, a ciência colonial e a sua investigação contribuíram para a construção

de uma ideia que permitia a objetificação de alguns povos africanos e a superioridade portuguesa.

A partir do plano da ocupação científica para a dominação através do contexto social, político e econômico criaram-se objetivos fundamentais da ocupação científica colonial que seriam: “a) melhorar as condições econômicas e físicas da vida dos indígenas e dos colonos; b) explorar eficientemente os recursos coloniais; c) contribuir para melhor conhecimento do globo”(DIAS, 1998, p.22). Com esses arcabouços iniciaram-se os centros de investigação que passaram a ser divididos em missões, cada qual contando suas determinadas funções e interesses específicos.

No início da pesquisa sobre as ações realizadas pelo Jorge Dias, através das missões, questões foram consideradas importantes como no caso da escolha a esse grupo africano. Com a leitura do primeiro volume de *Os Macondes de Moçambique*, com o Rui M. Pereira, nota-se que o uso de estratégias foi fundamental na escolha da comunidade, pois, como Rui afirma:

Tudo parece indicar, portanto, que a escolha da etnia maconde como objecto privilegiado da sua investigação de terreno, estava, também, concertada com o novo campo de interesses teóricos que animavam Jorge Dias, sobretudo aqueles que se relacionavam com os fenómenos de mudança de cultura, não sendo de menosprezar, igualmente, o facto de Jorge Dias possuir já algum conhecimento, muito limitado embora, da etnografia dos macondes do Tanganhica.(DIAS, 1998, p. 33)

Tanto no campo científico como no contexto político existiam interesses na escolha dos Macondes para manter-se um contato. Nessa perspectiva, devemos lembrar que a realidade colonial resumiu-se na dominação política, na exploração econômica e na noção de aculturação, fatores que precederam na construção de um olhar problemático em relação à população, sobretudo, a “nativa”. Como reflexo disso, a força de trabalho(escrava) indígena faria com que muitos destes emigrassem para outras regiões atrás de uma qualidade de vida distinta da realidade das colônias portuguesas.

Com um conglomerado de fotografias, o Jorge Dias procurava expressar todos os indícios sobre uma apresentação do corpo africano dos Macondes, apresentado, sobretudo, no primeiro volume da monografia intitulada *Os Macondes de Moçambique*. Ademais, através das outras obras podemos observar que o mesmo em conjunto com a Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português (MEMEUP) procuraram ir além, tratando em conhecer os elementos culturais e sociais desse povo, não deixando de esquecer, da essência em assegurar os interesses do colonialismo português.

O objetivo dessa missão, iniciada em 1957, consistia em elaborar informes etnográficos sobre algumas das populações das colônias. Ademais, o grupo devia elaborar um informe confidencial sobre as condições políticas e sociais entre os “indígenas” das colônias. Assim, empreenderam-se estudos etnográficos sobre os Chope (Tchopi) do sul de Moçambique e sobre os Bosquímanos do sul de Angola. No entanto, o trabalho principal, e que resultou em uma das monografias etnográficas mais completas do ultramar português, estava dedicado aos Macondes do norte de Moçambique. (MACAGNO, 2002, p. 116)

O Jorge Dias como um fabuloso antropólogo, com formação e grande reconhecimento, passaria a colaborar nas investigações realizadas periodicamente pelas missões, inclusive, as que estariam relacionadas a Junta de Investigações Ultramar. Através da MEMEUP, o Jorge Dias e seus ajudantes, constituído, principalmente pela sua esposa Margot Dias e o adjunto Manuel Viegas Guerreiro, partiriam para as colônias portuguesas, na África, no final de 1956, realizando relatórios até o ano de 1961.

São, para todos os efeitos, matéria científica, peças indispensáveis na caracterização de uma etapa recente do desenvolvimento da disciplina antropológica em Portugal, concorrendo para o entendimento das circunstâncias em que decorreu a investigação de Jorge Dias entre os Macondes e fornecendo dados fundamentais, ainda que parcelares e enviesados, sobre a situação política, econômica e social do Norte de Moçambique nos anos que antecederam a guerra de libertação. (DIAS, 1998, p. 29)

A partir dos seus estudos de cunho antropológico, os fatores preponderantes das ações dos portugueses durante a expansão ultramarina foram protegidos. Como na citação acima, indiscutivelmente, o Jorge Dias auxiliou a Agência Ultramar Portuguesa em estabelecer um parâmetro das situações coloniais, desde os aspectos econômicos às questões sociais, dedicando-se, inclusive, na escrita de relatórios sobre as comunidades africanas.

Sumariamente, revelava Jorge Dias a verdadeira natureza dos problemas sociais e políticos no Planalto dos Macondes e, de forma um pouco velada, lançava uma crítica à forma como a administração colonial enfrentava o problema. E essa crítica, conquanto de uma forma igualmente velada, Jorge Dias não a limitou ao espaço reservado dos relatórios. (DIAS, 1998, p. 35)

Com olhar de um homem reconhecido pelo seu inenarrável papel para a antropologia portuguesa, o Jorge Dias através das suas atividades em colônias portuguesas assegurou por muitos anos o discurso do colonialismo como um modelo altruísta, este que estaria seguindo o viés do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. No entanto, a partir dos relatórios o que podemos perceber é que o Jorge Dias omite muitas informações descritas em seus relatos sobre aqueles territórios africanos, como no caso das práticas racistas, bem como, o trato e alguns acontecimentos entre africanos e os portugueses. O Dias sabia do perigo ao expor determinadas informações aos seus leitores, isso é notado quando ele afirma que:

Muitos problemas atuais resultantes dos contatos de cultura e dos esforços de adaptação deste povo às necessidades e problemas da vida moderna foram tratados

por nós nos relatórios da Missão de 1957, 1958 e 1959, razão porque não são focados aqui. Daí resulta que a monografia apresenta um caráter de certo modo tradicional, omitindo os aspectos mais flagrantes do dinamismo cultural resultante dos atuais contatos humanos. É, porém, nossa intenção tratar esse assunto à parte, aproveitando muitos materiais inéditos que colhemos no Tanghanica e em Moçambique, além do que já foi exposto nos referidos relatórios [...] É evidente que esta monografia só faz referência ao povo maconde até 1960. Todas as transformações resultantes dos acontecimentos políticos recentes, que promoveram contatos maciços de cultura, não puderam ser observadas por nós. (MACAGNO, 2002, p. 122)

Uma das questões emblemáticas no escritos do Jorge Dias é que sobre os relatórios o mesmo enfatizava suas críticas e a realidade que o contato com os portugueses acabou por gerar, inclusive, sobre as populações africanas. A aculturação que seria o processo de modificação cultural do indivíduo foi um dos pontos mais enfáticos da escolha dos macondes para essa pesquisa etnográfica.

O estudo do povo maconde constitui pelo seu enorme interesse étnico-sociológico um trabalho independente, que gostaríamos de ver aparecer sob a forma monográfica. Contudo, não se julgue que a formação etnológica do chefe da Missão o levou a desviar do plano de estudos previamente elaborado. Os Macondes, pela sua ótima situação em contacto com outras etnias e mesmo junto da fronteira, permitem observar toda uma série de processos de aculturação e, sobretudo, as ações e reações humanas de populações consideradas primitivas, em face de problemas criados pelos interesses internacionais. (DIAS, 1998, p. 35)

Entre as críticas e as defesas sobre o governo português podemos encontrar no primeiro volume realizado pelo Jorge Dias e na leitura da introdução à reedição construída por Rui M. Pereira, que o professor antropólogo foi instruído para efetivar alguns fins em terras moçambicanas, onde realizara mais à frente seus estudos sobre os povos macondes.

Diante dos escritos do Jorge Dias, sobretudo, através dos relatórios, o antropólogo criticava algumas práticas da administração portuguesa colonial, contudo, ainda defendia o papel das missões. Do mesmo modo, sustentava a ideia do colonialismo português como um modelo humanista que teria como um dos seus pontos primordiais, a assistência aos povos chamados de nativos. O Dias conciliou o aproveitamento das viagens e os contatos com o grupo Maconde para juntar fontes a fim de elaborar seus trabalhos acadêmicos, logo, satisfazer os interesses do governo português, como também, os seus.

Para o Jorge Dias, o modelo colonial português estava coberto de bons propósitos, como a educação e a realização de tarefas para/com a população, contudo, o enfrentamento da realidade desencadeou na mudança de opiniões. Isso estaria relacionado, pelo olhar do Jorge Dias, com a aversão e a insegurança que povos africanos tinham dos portugueses.

A idéia de tolerância, multirracismo, plasticidade, contemporização dos chamados “usos e costumes” etc., foi um traço distintivo do discurso colonial português. Esse

discurso se radicalizou durante a etapa do Estado Novo, quando Portugal pretendia que suas províncias ultramarinas fossem, simplesmente, um prolongamento de seu território, integradas em um único organismo. Nesse contexto, o etnocentrismo *sui generis*, atribuído por Dias à expansão portuguesa, já havia sido consideravelmente sublinhado por outros defensores da causa colonial portuguesa (Adriano Moreira, Marcelo Caetano, Gilberto Freyre, etc.). No entanto, o fato novo, nesse caso, é que Dias lança mão das contribuições da antropologia cultural norte-americana para legitimar um tipo de contato cultural supostamente cordial e fraterno. (MACAGNO, 2002, p. 122)

As fotografias foram um dos mecanismos realizados pelos portugueses para construir e cristalizar estereótipos sobre grupos africanos. A atuação do Jorge Dias em omitir as diversas relações do governo de Salazar com esse grupo étnico, fortaleceu o discurso destes como “bons samaritanos” nos tempos da presença portuguesa na África. As imagens também serviram para legitimar a necessidade de mudança de práticas e valores como a poligamia e alguns rituais.

Ao apelar para um modo de ser português e, mais especificamente, para um “modo português de estar no mundo”, Dias converte o colonialismo português em um processo irreduzível a outros colonialismos. Isto não significa que o argumento culturalista de Dias seja estritamente essencialista. No entanto, o mencionado argumento possui um forte elemento conjectural, ainda que se sustente, até certo ponto, em relações sociais empiricamente observáveis, tais como a organização social comunitarista que, segundo Dias, teria tido seu eco de “cordialidade” e “fraternidade” nos territórios de ultramar. (MACAGNO, 2002, p. 108)

A etnografia dos corpos africanos feito por Jorge Dias em sua pesquisa sobre os Macondes durante o governo de Salazar, exibia um cotidiano “harmônico” entre esse grupo étnico e os portugueses, ou seja, além de transparecer uma ideia de real sobre os costumes e valores ainda silenciava as ações dos estrangeiros sobre essa comunidade. Atividades relacionadas ao progresso construiriam visões hegemônicas sobre o mundo afora do Ocidente, tratando as memórias e os corpos de africanos como objetos.

Em sintonia com o seu tempo, a produção do Jorge Dias reafirmava o olhar e o pensamento ocidental sobre o continente africano, serviriam, por sua vez, como instrumento das práticas coloniais, sobretudo, através da construção do imaginário sobre os africanos. Dito de outra forma, as imagens e a os escritos de Jorge Dias alimentavam uma produção/manutenção de discursos cujo objetivo final residia em tratar a presença portuguesa em África como algo do ponto de vista positivo, vinculado ao progresso e crescimento econômico.

Sem dúvida, essa elaboração imaginária de Dias procura amortecer os efeitos hierárquicos e violentos da expansão ultramarina de Portugal. Trata-se, basicamente, de encontrar um fundamento idiossincrático que distinga Portugal do resto das colônias, e de promover uma auto-imagem de tolerância e plasticidade. Aqui, obviamente, Jorge Dias bebe da fonte lusotropicalista de Gilberto Freyre. (MACAGNO, 2002, p. 106)

O controle dos corpos africanos nas fotografias acentuava a visão desse indivíduo como objeto, pois em conjunto com as imagens existia um discurso pautado na inserção do olhar ocidental, em que as ilustrações serviriam como elementos autoexplicativos sobre a “realidade”. Na obra *Os macondes de Moçambique*, há uma destacada ausência de conflitos, uma eventual leitura e influência de Gilberto Freyre na percepção e sistematização do cotidiano, da economia e dos costumes desse grupo.

Só nas cidades mais antigas, lá para o norte, onde houve longo convívio entre portugueses e indígenas, se formou uma sociedade mais homogênea, onde os elementos de ambas as raças e os mestiços, resultantes do cruzamento de ambas, se souberam integrar num todo, que corresponde mais ao quadro luso-tropicalista de Gilberto Freire.(DIAS, 1961, p.8)

Nas imagens de Jorge Dias, as expressões culturais visíveis nas suas fotografias buscam evidenciar as diversas identidades sob os métodos de representação hegemônica do Ocidente. A construção do olhar ocidental em conjunto com os textos e as ilustrações nos permitem uma reflexão problemática acerca dos estereótipos e das características apresentadas pelos portugueses.

O olhar cultural português foi um elemento estruturante para propagar os projetos coloniais portugueses, assim, vários instrumentos foram usados para justificar a relevância da presença europeia naquele continente. Foram a partir desses objetos que os administradores coloniais e seus colaboradores fortaleceram uma visão estereotipada sobre os povos africanos.

Ao analisar algumas fotografias em *Os Macondes de Moçambique* podemos observar que é priorizado a importância de sempre ser lembrado as características que tornam esse povo incivilizado e inferior aos colonizadores. Logo, em meio ao contexto socioeconômico, político e cultural, o Jorge Dias mostra como nossa realidade influencia na maneira que vimos o outro, assim como, a potência que podemos ter para construir uma imagem sobre as pessoas.

Em visitas ao continente africano muitos desses agentes coloniais prestavam assistência ao governo português através de informações sobre como era o cotidiano, crenças, valores, dentre outras formas de representar esse território, de modo que as imagens produzidas seriam apresentadas com o propósito de sustentar pequenas ilustrações atribuídas como “o real”. Assim, a fotografia ocidental que representava o continente africano, “não pode separar-se destes movimentos que lhe são contemporâneos” (SANTOS, 1996, p. 63). Nas imagens são perceptíveis os estereótipos da época, um modo pelo qual apresenta mais sobre os preconceitos dos europeus do que, propriamente, um fiel retrato dos grupos africanos.

Assim, no século XX, o projeto colonial português desempenhou um grande papel na difusão de imagens das atividades que seriam efetivadas/empreendidas no continente africano, no intuito de assegurar seus interesses, na proporção das suas garantias. É evidente no conjunto das imagens, um manifesto interesse em manipular o objeto fotografado, retratá-lo de acordo com os interesses dos sujeitos do velho continente, definindo aquele que deveria entrar ou não nas imagens.

O discurso português para permanecer em terras africanas. foi desenvolvido com a ajuda do pensamento lusotropicalista do sociólogo Gilberto Freyre. Para tanto:

Num momento em que as Nações Unidas empreendiam uma campanha anticolonialista na África, sugerir a existência de um estilo português não racista de “estar no mundo” não resultava muito convincente. É precisamente nesta época, que o nacionalismo do Estado Novo português reforça seu discurso de cooperação racial na África e, neste caso, as formulações de Gilberto Freyre se apresentam como uma justificativa ideal para a presença colonial portuguesa. (MACAGNO, 2002, p. 102)

A ideia de uma “harmonia racial” foi problemática tanto no viés brasileiro, bem como, no olhar construído pelos viajantes ou pesquisadores que seguiam esse conceito de Freyre. A partir da visita do professor Marvin Harris à África podemos observar que ao invés de encontrar um lugar harmônico e saudável, era observado uma exploração, violência e, sobretudo, a segregação.

Cabe recordar que, precisamente em 1956 (ano da referida conferência de Dias), o antropólogo norte-americano Marvin Harris encontrava-se no sul de Moçambique, fazendo um trabalho de campo entre os Thonga. O trabalho de Harris pretendia mostrar, através de uma pesquisa no próprio terreno colonial, que o “caráter nacional” português, longe de imprimir nas colônias um padrão de relações raciais baseado na fraternidade e na cordialidade, impôs um sistema de exclusão e violência, baseado no Sistema de Indigenato. Essas pesquisas procuraram desconstruir a visão idílica que muitos autores, incluindo o próprio Dias, tinham do ultramar português. (MACAGNO, 2002, p. 109-110)

O caráter português de humanização e tolerância é reverberado em diversos artigos e trabalhos de muitos antropólogos. O desconforto que o Harris provocou, sobretudo, entre os administradores coloniais, gerou uma desconfiança frente aos estudiosos que ali adentrassem.

Em contraponto, as percepções que o professor Marvin Harris, teríamos o Jorge Dias que procurou “mostrar a Wagley um Moçambique sem tensões raciais: algo assim como a política da assimilação em pleno funcionamento, o lusotropicalismo observado no próprio terreno colonial.” (MACAGNO, 2002, p. 111) Para o Dias, os portugueses eram diferentes de ingleses ou alemães, tinham um caráter bondoso, logo, seus objetivos estavam intrinsecamente ligados,

em práticas comunitaristas, ou seja, nos territórios ultramarinos suas presenças eram fraternas e conciliadoras.

Para o Dias, o Gilberto é um grande estudioso e ao citá-lo para falar sobre relações raciais, o mesmo procura justificar as fusões entre as culturas africanas e portuguesas.

O papel dos indivíduos que vêm de sociedades com uma tradição comunitária é importante na relação dos Portugueses com outros povos durante o período de expansão. [...] A importância da ampla família patriarcal e da família multifuncional na colonização do Brasil foi enfatizada por vários autores, particularmente Gilberto Freyre. Nestas famílias, os trabalhadores agrícolas, os empregados domésticos e, ainda, os escravos foram incluídos no conceito de família ampliada com a qual os portugueses estavam envolvidos em suas terras. O espírito de fraternidade com os outros, mesmo se pertencem a uma classe inferior ou a outra raça, é uma explicação da característica da colonização portuguesa não só no Brasil, como na Índia, Macau, Timor e na África. (MACAGNO apud DIAS. 2002. p. 99)

Jorge Dias acreditava no poder português em ajudar outras comunidades, como também, no perigo que a falta do cristianismo poderia causar, por esses motivos, na sua concepção “a expansão ultramarina portuguesa, por estar orientada por princípios qualitativos humanitários, e não por princípios quantitativos individualistas, teria contribuído para estabelecer com as populações de ultramar “um cordial convívio que ainda perdura”.” (MACAGNO. 2002. p. 114). Essa visão do Dias sobre a expansão ultramar provém, sobretudo, de uma crença perante uma dita relação tolerante e cordial entre os portugueses e outros povos.

A duplicidade do professor também estava inserida na forma de ver os portugueses como verdadeiros ajudantes. Para Jorge Dias:

Há no português enormes capacidade de adaptação a todas as coisas, ideias e seres, sem que isso implique perda de caráter. Foi esta faceta que lhe permitiu manter sempre a atitude de tolerância, e que imprimiu à colonização portuguesa, em certas épocas, o caráter inconfundível de assimilação por adaptação. (DIAS, 1958. p. 8)

As formas de justificar a colonização e a sua relevância estão profundamente expostas nos trabalhos do Jorge Dias e seus colaboradores. A sua vivência, bem como, sua nacionalidade não os deixaram perceber que a colonização portuguesa não só foi brutal, como também, intolerante perante as outras culturas.

No decurso dos relatórios, o antropólogo deixa explícito que havia muitas pessoas interessadas em relação à atividade portuguesa em ambiente africano, principalmente, sob o caráter antropológico e étnico-social. Esse fascínio talvez estivessem voltados aos fatores como: o imaginário de uma civilização, a construção de riquezas e a aculturação desses povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ademas, existe alguns descontentamentos do antropólogo frente aos comportamentos dos agentes coloniais. Para o Jorge Dias, era imprescindível para a manutenção e permanência dos portugueses em territórios africanos, uma preocupação sobre as comunidades africanas como suas vivências, problemas socioeconômicos e culturais. O mesmo afirma existir um “enorme desinteresse da nossa gente pelo estudo sério dos problemas relativos ao homem africano, com quem temos de lidar cada vez mais perto e em circunstâncias cada vez mais difíceis.”(DIAS, 1958, p. 2). Para, além disso, podemos observar que a maneira de tratar os “nativos” também incomodava o antropólogo, para ele, esse era um dos fatores que dificultava permanência do Governo Ultramar em algumas regiões do continente africano.

Na análise dos relatórios torna-se perceptível que Dias entende os possíveis conflitos e transformações no decurso do contato entre essas diversas culturas. Contudo, são mostrados como atos involuntários, ou melhor, não desejados. A ideia de uma “tolerância cristã” e que, por isso, a concessão do colonialismo português transforma o abuso colonial em um aspecto positivo e até mesmo relevante para um projeto nacionalista, além da “preservação” das populações ditas nativas.

As produções do antropólogo Jorge Dias, sem dúvida, são um grande acervo sobre os Macondes, ainda que seja desguardada um imaginário construído sobre os povos africanos, assim como, uma “harmonia” entre estes e os colonizadores. Logo, finda-se que as produções intelectuais do Jorge Dias tem um papel imprescindível nas influências sobre como algumas comunidades africanas passaram a ser vistas no período do governo de Salazar.

Referências bibliográficas:

DIAS, Jorge. *A expansão ultramarina portuguesa à luz da moderna antropologia*. in Ensaios Etnológicos. Lisboa. Junta de Investigações do Ultramar. 1961.

DIAS, Jorge. *Contactos de Cultura*. Missão Geográficas e de Investigações do Ultramar. Centro de Estudos Políticos e Sociais. 1958.

DIAS, Jorge. *Os Macondes de Moçambique*. Vol. I – Aspectos históricos e econômicos. 1ª ed. Lda. Lisboa. 1998.

DIAS, Jorge. *Relatório da campanha de 1957: Moçambique e Angola*. Missão de Estudos das minorias étnicas do ultramar português. Lisboa. Centro de Estudos Políticos e Sociais. Junta de Investigações do Ultramar, 1961.

DIAS, Jorge. *Relatório da campanha de 1960: Moçambique e Angola*. Missão de Estudos das minorias étnicas do ultramar português. Lisboa. Centro de Estudos Políticos e Sociais. Junta de Investigações do Ultramar, 1961.

MACAGNO, Lorenzo. *Lusotropicalismo e nostalgia etnográfica: Jorge Dias entre Portugal e Moçambique*. Afro-Ásia, núm. 28, 2002, pp. 97-124.

SANCHES, Manuela Ribeiro. *Margot Dias. Filmes Etnográficos. 1958-1961*. Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema/Direcção-Geral do Património Cultural e Museu Nacional de Etnologia, 3 dvd, 2016”. *Análise Social*, 224, lii (3.º), pp. 714-718.

SANTOS, Alexandre Ricardo dos. *Corpos e controle: o olho do poder e o esquadramento individual*.” *Porto Arte*, Porto Alegre, v. 7. n. 13. 1996.

WEST, Harry.G. *Invertendo a bossa do Camelo*. Jorge Dias, a sua mulher, o seu intérprete e eu. In M.R. Sanches, *Portugal não é um País Pequeno*. Contar o ‘império’ na Pós-Colonialidade. Lisboa. 2006. pp. 141-190.